

Arte em papelão

O fotógrafo piracicabano Pauléo, 62 anos, produz réplicas de pontos turísticos da cidade

MARCELO ROCHA

Da Gazeta de Piracicaba
marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

De longe as peças artísticas tridimensionais até parecem ser feitas de madeira, mas na verdade são confeccionadas com papelão comum. Nas mãos do piracicabano Paulo Alcides Tibério, 62 anos, o famoso fotógrafo da cidade que é mais conhecido como Pauléo, o material ordinário se transforma em incríveis réplicas de locais histórico-turísticos de Piracicaba.

O hábil e sensível olhar de Pauléo, que por mais de três décadas ajudou a contar a história fotográfica de Piracicaba e região na mídia local, agora está a serviço de um hobby que ele adquiriu a partir de dezembro do ano passado. O próprio artista não sabe denominar a linguagem, mas topou chamá-la de "arte em papelão". Alguns trabalhos são quadros cujos relevos saltam à vista, outros são como maquetes.

O primeiro que ele produziu, denominado Urbe, é uma peça vertical (em forma de quadro) que exibe o contraste entre um aglomerado de prédios luxuosos e os baracos de uma favela. "Na volta da praia, passando pela marginal em São Paulo, vi aquela paisagem, esse choque de realidade e fiquei com aquilo na cabeça", conta.

Desde então, o fotógrafo-artesão passou a recriar com papelão pontos famosos da cidade. Hoje, Pauléo já acumula 20 trabalhos que ficam expostos nas paredes e bancadas de seu restaurante, no Jardim Caxambu.

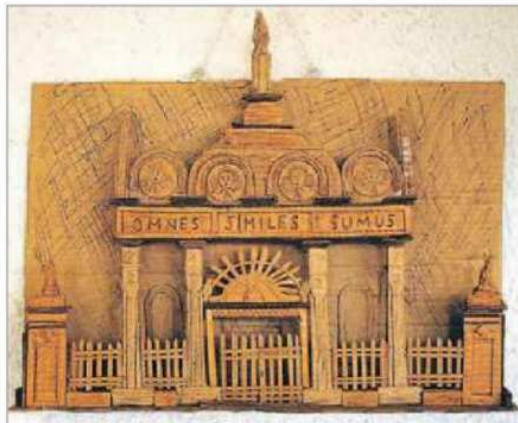
A acervo reúne reprodu-



Pauléo trabalha numa de suas obras; ao fundo o Engenho Central e ao lado a réplica da capela do Monte Alegre

local ou pega uma foto disponível na internet para usar como referência. "A ideia é não pintar, justamente para mostrar que é feito de papelão. Se pintar, acho que perde a graça", analisa Pauléo. Conforme a dificuldade da obra, o trabalho pode durar de uma a quatro noites, observa o autor. "Demora porque a cola tem que secar", comenta.

Neste momento, a prática artística com papelão não passa de "um hobby terapêutico", define Pauléo, com sua simplicidade característica. Mas alguns conhecidos e frequentadores do restaurante já andaram solicitando e/ou sondando a possibilidade de encomendas de obras. "Uma pessoa já me pediu para eu fazer o coliseu de Roma. E para outro cliente, um comerciante dono de um bar, eu recriei a frente de seu estabelecimento", relata o artista.



A versão em papelão do belo portão do Cemitério da Saudade



Papelão, réguas, esquadros, tesouras e canetas são as ferramentas de trabalho



ções de locais como o Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, o Engenho Central, o Centro Cultural Martha Watts, a igreja Bom Jesus, o Cemitério da Saudade, o prédio central da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), o Mercado Municipal, a ponte pênsil, a Santa Casa de Piracicaba, a Estação da Paulista, a Catedral Santo Antônio, o Museu da Água e o Casarão do Turismo, entre outros.

Pauléo ainda prestou uma homenagem à Festa do Divino e também reproduziu o banheiro público da praça José Bonifácio. E sua mais nova criação, da qual se orgulha bastante, é a capela de São Pedro, no bairro Monte Alegre, com seus detalhes como telhados, testeiras, janelas, vitrais e o domo (cúpula). “Ela foi feita em duas noites”, conta. “Sento lá em casa, abro uma cerveja e começo a desenhar e a cortar as peças e colá-las. Corto peça por peça”, acrescenta.

Além da matéria-prima fundamental (caixas de papelão), o ferramental para a produção das peças inclui ca-



O fotógrafo e artesão exibe a recriação da igreja do Bom Jesus

neta preta (para esboçar tijolos e outros detalhes), cola, duas tesouras e, eventual-

mente, um estilete. Quanto ao tema, Pauléo diz que, normalmente, tira uma foto do

